

# 1

## Introdução

O presente trabalho é fruto da minha experiência como professora de inglês no Ensino Médio em uma escola da Rede Estadual de ensino do município do Rio de Janeiro, situada no bairro de Santa Cruz. Ao começar a trabalhar nesta escola, no ano de 2008, encontrei um universo totalmente novo para mim, pois, desde que me formei em 2005, só havia trabalhado em escolas de idiomas. Eu tinha, anteriormente, duas turmas de quinze alunos no máximo e, de repente, passei a ficar responsável por seis turmas do Ensino Médio com mais ou menos cinquenta alunos, chegando algumas a terem mais do que esta quantidade.

No início, tudo foi muito complicado. Foi uma mistura de sentimentos, entre a alegria e o desespero, o início do trabalho na Rede Estadual. Como entrei no segundo semestre, tive que substituir as professoras que estavam com os alunos desde o início do ano letivo e eu tinha que dar conta da matéria que estava sendo dada em cada turma. Não havia um planejamento adequado e tudo era muito confuso. Embora eu trabalhasse com as três séries do Ensino Médio (tinha duas turmas de cada), os conteúdos eram diferentes em cada uma delas.

Ao longo das aulas, pude perceber que, por mais que eu me esforçasse e desafiasse a minha imaginação tentando preparar uma aula que conseguisse interessar aos alunos, o resultado era sempre negativo, com bagunça, falta de respeito, impontualidade, conversas exageradas em sala de aula. Enfim, tudo contribuía para que a aula não rendesse. Conversavam o tempo todo, não participavam, reclamavam de copiar a matéria do quadro, já que não possuíam livro didático, e a falta de pontualidade no retorno do intervalo era constante. Encontrei-me cercada por alunos adolescentes que eram curiosos a respeito de tudo que os cercava, menos o assunto da aula.

Fui observando que, por mais que eles soubessem que a aprendizagem de uma língua estrangeira é uma forma de dialogar com um mundo sem fronteiras, cujo processo de globalização tem exigido que as pessoas se qualifiquem e se preparem para acompanhar as mudanças do mercado de trabalho, eles se mostravam totalmente desinteressados pelas aulas. Sentia-me como se fosse uma

“professaura”<sup>1</sup>, visto que eu os tratava como meros receptores da informação que eu transmitia solicitando que memorizassem tudo que fosse ensinado em sala.

Meu objetivo inicial, no percurso da presente pesquisa, foi procurar entender o que estava acontecendo na minha sala de aula de forma a tentar responder aos meus questionamentos: O que estava acontecendo? Por que meus alunos estavam tão desmotivados nas aulas de inglês? O que eu podia fazer para entender melhor esta situação? Iniciei, assim, um processo reflexivo sobre como vinha desenvolvendo o meu trabalho em sala de aula e sobre o comportamento dos alunos durante as aulas de inglês.

Na Prática Exploratória (PE), abordagem teórica que orienta esta pesquisa (Allwright & Bailey, 1983; Allwright, 1996, 1999, 2008, 2006, 2003; Allwright & Hanks, 2001; Gieve & Miller, 2006), encontrei uma visão de sala de aula que preza a busca pela “qualidade de vida” com a qual me identifiquei. Para uma melhor compreensão do que acontece neste contexto, o professor deve fazer reflexões juntamente com os seus alunos, desenvolvendo a busca por maiores entendimentos de vivência conjunta. Foi o que fiz quando solicitei aos alunos, como primeira medida para a minha investigação, que escrevessem uma redação sobre a importância do inglês para a vida deles. Este pedido, orientado por princípios norteadores da PE, foi feito como forma de integrar a minha investigação às aulas e às percepções dos alunos.

Embora nem todos os alunos tivessem entregado as redações, coletei setenta e oito textos e pude perceber que grande parte deles sabia da importância de se estudar inglês como língua estrangeira, e principalmente o quanto era importante aprender outra língua para se ter uma melhor oportunidade profissional. A opinião dos alunos me deu um estímulo maior em procurar descobrir por que eles agiam de forma tão diferente em sala de aula.

Foi a partir daí que tomei a segunda iniciativa. Decidi escrever um diário registrando as minhas observações das aulas ao longo da segunda metade do ano de 2009 e durante todo o ano letivo de 2010. O diário como instrumento de pesquisa (Bailey, 1997; Zabalza, 1994; Freitag, 1994; Liberali, 1999; Martins, 2004; Richards & Nunan, 1990) também integra a abordagem teórica da Prática

---

<sup>1</sup> Aproprio-me deste termo usado por Celso Antunes em seu livro *Professores & Professuros: Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas*. Para este autor, “professuros” são os professores que associam à sua forma de ensinar um modelo tradicional de ensino, virando “dinossauros” por usarem metodologias de ensino em sala de aula que são ultrapassadas.

Exploratória com foco na pesquisa em sala de aula, já que este tipo de escrita interativa gera uma reflexão constante sobre o que se faz, como e enquanto se faz. Considero que tanto a escrita dos meus alunos, com seus textos, quanto a minha, a partir de meus diários, foram ações para entender a vida na sala de aula.

Procurei, então, encontrar respostas aos meus questionamentos (*puzzles*) anteriores. Os diários eram escritos ao término de cada aula e muitas vezes se resumiam em tópicos dos principais acontecimentos ocorridos; depois eram desenvolvidos em casa com um maior cuidado.

É importante mencionar que os diários refletem dois momentos: o primeiro momento relaciona-se a tentar compreender o que acontece em sala de aula em todas as minhas turmas do Ensino Médio, ao passo que, no segundo momento, focalizo uma turma somente (turma 2006), que foi a turma na qual pude desenvolver um trabalho com uma melhor qualidade de vida em sala de aula. Estes diários eram escritos ao término de cada aula e muitas vezes se resumiam a tópicos dos principais acontecimentos ocorridos e depois eram desenvolvidos em casa com um maior cuidado e detalhamento. É importante salientar que as turmas do ano de 2009 eram a 1004, 1005, 3005, 3001, 2004 e 2006 e no ano de 2010, focalizei na turma 2006, que era a turma 1004 no ano de 2009. Esta foi a turma em que foi possível ver uma diferença de comportamento de um ano para o outro respondendo positivamente às aulas, o que gerou em mim uma certa satisfação em estar no meu ambiente de trabalho.

O estudo sobre diários é amplamente discutido (Bailey, 1997; Zabalza, 1994; Freitag, 1994; Liberali, 1999; Martins, 2004; Richards & Nunan, 1990) e a sua utilização como instrumento de pesquisa constitui um poderoso instrumento de reflexão, uma vez que nele o indivíduo pode escrever e refletir sobre sua ação, transformando-a em espaço narrativo. Promove, assim, um certo distanciamento e a organização das indagações, que possibilitam uma maior reflexão crítica. As narrativas contidas nos diários constituem uma poderosa ferramenta para o crescimento profissional dos professores uma vez que os tornam mais conscientes de sua prática em seu ambiente de trabalho buscando formas de alcançarem uma maior autonomia em sala de aula.

Na investigação aqui realizada, eu me posiciono teoricamente também no âmbito das estratégias de evidencialidade (Mushin, 2001; Chafe, 1986), das

modalidades do discurso de Koch (2006) e de estudos sobre a construção do *self* (Lupton, 1998; Goffman, 2002).

O conceito de evidencialidade possibilita a identificação e análise das minhas atitudes nas narrativas construídas, que, na presente pesquisa, correspondem ao meu posicionamento enquanto autora dos diários escritos, de forma a observar como são construídas as informações e como elas são interpretadas por mim dentro do contexto da sala de aula, no qual me insiro. As modalidades do discurso proporcionam o entendimento das minhas escolhas lexicais durante as narrativas que demonstram o tipo de posicionamento que eu tive diante de minhas narrativas, interpretando ali os fatos vivenciados assim como os valores morais em contraposição aos posicionamentos pessoais. A construção do *self* emocional e reflexivo se apresenta através do uso de atitudes epistemológicas relatadas e nos fatos vivenciados em sala de aula.

O presente trabalho se baseia em questões como: Que tipo de narrativa estou construindo segundo os princípios da Prática Exploratória? Como eu me posiciono entre o “*self* emocional” e o “*self* reflexivo”? O que ensinar aos meus alunos? As narrativas, sendo fruto das minhas experiências em sala de aula, me ajudarão a identificar, através de determinadas atitudes epistemológicas que mostram o meu posicionamento, se estou prezando pela qualidade de vida na minha sala de aula, possibilitando, ainda, descobrir qual é o meu posicionamento diante de tudo aquilo que vivencio.

Demonstro, a seguir, como ficarão divididos os capítulos desta dissertação. O capítulo 1 apresenta a introdução do trabalho discorrendo sobre as questões que me levaram a iniciar esta pesquisa e quais são meus objetivos.

O capítulo 2, que contém três subseções, trata da abordagem teórica e metodológica da pesquisa. Na primeira seção (2.1), abordo perspectivas do ensino de inglês no Ensino Médio, com foco, na primeira seção, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, cuja finalidade é oferecer uma diretriz para o ensino de língua estrangeira no Brasil tendo como propósito promover uma prática educacional repensada. A segunda seção (2.2) aborda as dificuldades do ensino de língua inglesa na escola pública uma vez que variados fatores cooperam para que o trabalho do professor não seja realizado de forma eficaz. A última seção (2.3), que se intitula “A sala de aula de língua inglesa” discorre sobre a complexidade do

ambiente escolar, local em que professores e alunos passam grande parte do tempo, desconhecendo o que ali acontece.

O capítulo 3 aborda as concepções teóricas e metodológicas nas quais o meu trabalho se baseou. Na seção 3.1, introduzo a Prática Exploratória (PE), concebida como uma forma de buscar uma melhor qualidade de vida em sala de aula. A seção 3.2 aborda os diários enquanto instrumento de pesquisa reflexiva, pois as narrativas de experiência ali descritas constituem os dados gerados para reflexão, ajudando na formação contínua do professor. Na seção 3.3, trato das narrativas como um processo que proporciona a reconstrução da experiência da prática profissional, tornando significativos os fatos vivenciados em sala de aula. A seção 3.4 tem por foco o professor como um profissional reflexivo, pois a ação de narrar e a reflexão sobre a experiência promovem uma maior conscientização da minha prática e do que pode ser feito para torná-la mais eficaz. Na seção 3.5, discorro sobre a construção do *self* emocional e, nas seções 3.6 e 3.7, trato das modalidades do discurso assim como da evidencialidade, perspectivas teóricas que utilizei na análise dos dados.

No capítulo 4, abordo a metodologia de pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e interpretativista; o contexto da pesquisa, que consiste em minha sala de aula em uma escola do Ensino Médio da Rede Estadual, no bairro de Santa Cruz, no município do Rio de Janeiro. Trato também da geração de dados, a partir da construção de minhas narrativas nos diários, de 2009.2 até o fim do ano letivo de 2010, assim como de setenta e oito redações de alunos coletadas em sala de aula sobre a importância do inglês.

No capítulo 5, trato da análise dos dados. Neste capítulo, as perguntas iniciais serão retomadas e respondidas em três seções, a saber: Professora entre o *self* emocional e o *self* reflexivo; O que ensinar?, e Tipos de narrativas construídas nos diários.

No capítulo 6, que é o capítulo final, estão as considerações finais, levando em conta os problemas encontrados e tecendo considerações que possam contribuir e proporcionar novos rumos para este tipo de pesquisa. Seguem-se as referências bibliográficas e os anexos, que são compostos respectivamente dos diários escritos por mim e das redações coletadas em sala de aula.